

SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DE TERESINA
CURSO FORMAÇÃO EM MINISTÉRIO PASTORAL

HISTÓRIA, TEOLOGIA E TRADIÇÃO DOS BATISTAS: Uma análise histórica e teológica da tradição batista e como a sua perda afeta as igrejas da denominação em Teresina- PI

Antônio Edson Barbosa
Baruch Euzébio de Melo

Teresina
2022

SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DE TERESINA
CURSO FORMAÇÃO EM MINISTÉRIO PASTORAL

HISTÓRIA, TEOLOGIA E TRADIÇÃO DOS BATISTAS: Uma análise histórica e teológica da tradição batista e como a sua perda afeta as igrejas da denominação em Teresina- PI

Antônio Edson Barbosa
Baruch Euzébio de Melo

Projeto de pesquisa apresentado ao Seminário Teológico Batista de Teresina como pré-requisito para obtenção parcial da nota na disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica.

Orientador: Ivan Bernardo

Teresina
2022

Resumo

Os Batistas enquanto denominação estão presentes de maneira massiva por todo o território brasileiro. Levando isso em consideração, essa pesquisa tem como objetivo expor a origem dos batistas, sua influência e tradição histórica ao longo do tempo; avaliar de forma qualitativa e quantitativa o repasse desses dados históricos para a membresia da denominação em Teresina; bem como investigar as possíveis causas do declínio da confessionalidade batista, tendo como pressuposto que a deficiência no ensino histórico doutrinário gera práticas divergentes e diluição da identidade denominacional.

PALAVRAS CHAVES: BATISTAS, LANDMARKISMO, REFORMA, ANABATISTAS, HERANÇA, HISTÓRIA DOS BATISTAS

Abstract

The Baptists as a denomination are present in a massive way throughout the Brazilian territory. Taking this into account, this research aims to expose the origin of Baptists, their influence and historical tradition over time; qualitatively and quantitatively evaluate the transfer of these historical data to the membership of the denomination in Teresina; as well as investigate the possible causes of the decline of Baptist confessionality, based on the assumption that the deficiency in doctrinal historical teaching generates divergent practices and dilution of denominational identity.

KEYWORDS: BAPTISTS, LANDMARKISM, REFORM, ANABAPTISTS, HERITAGE, HISTORY OF THE BAPTISTS

Sumário

Introdução	1
1. OS BATISTAS, A UNIDADE DENOMINACIONAL E A FÉ CONFSSIONAL HISTÓRICA	3
1.2 Origem dos Batistas	5
1.2.1 A Teoria “sucessionista”	5
1.2.1.1 Carroll e seu rasto de sangue	6
1.2.2 A Teoria do Parentesco Anabatista	8
1.2.2.1 Os anabatistas	8
1.2.2.2 Batistas são anabatistas?	10
1.2.3 A Revolução Puritana e os Separatistas Ingleses	13
1.2.3.1 Os batistas gerais e os particulares	14
1.2.3.2 O batistas na América	16
1.2.3.3 A chegada dos batistas no Brasil	17
1.2.3.4 Os batistas no Piauí	18
2. O DECLÍNIO DA CONFSSIONALIDADE E DOS BATISTAS PARTICULARES	18
3. OS BATISTAS EM TERESINA E O CENÁRIO ATUAL DO SEU CONHECIMENTO SOBRE A HISTÓRIA DA DENOMINAÇÃO	21
2.1 Apresentação e Discussão dos Dados	21
Conclusão	23
Referências Bibliográficas	24
APÊNDICE - QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS MEMBROS DE IGREJAS E CONGREGAÇÕES BATISTAS NA CIDADE DE TERESINA NO ESTADO DO PIAUÍ	27

Introdução

As denominações cristãs protestantes estão presentes na realidade brasileira e exercem alguma influência seja no contexto secular ou religioso. Os Batistas, como parte disso, tem sua parcela de participação e estão presentes nas capitais e nos interiores dos estados brasileiros. A denominação também está presente na capital teresinense e conta com numerosas igrejas e congregações. Porém, com o passar dos tempos, a fé e religiosidade dos batistas brasileiros sofreram, em alto ou baixo grau, mudanças em suas práticas e doutrinas.

Mas quem são os batistas? Qual é sua origem; quais são as posições doutrinárias dos Batistas ao longo de sua história? Quais mudanças aconteceram e quais as influências que contribuíram para que elas acontecessem no decurso dos anos; E quais os resultados disso para nosso tempo. Além disso, a membresia das igrejas batistas teresinenses conhece a história da denominação da qual fazem parte?

Nessa perspectiva, a presente pesquisa busca entender como o problema da privação do ensino histórico e doutrinário acerca dos batistas afeta as igrejas da denominação em Teresina, tendo como pressuposto que a deficiência no ensino histórico doutrinário gera práticas divergentes e diluição da identidade denominacional. Tendo como objetivo geral transparecer o ensino histórico confessional dos batistas, suas práticas e doutrinárias, bem como sua relevância para a preservação da identidade das igrejas e congregações.

Para isso, o primeiro tópico tem como objetivo conhecer, por meio de revisão bibliográfica, a história da referida denominação e debater as opiniões que envolvem suas origens e posicionamentos doutrinários. Obras de historiadores importantes como Leon McBeth, do seminário batista americano, que em sua obra *The Baptist Heritage* (1978) faz uma interpretação conceituadíssima da história batista; Justo González (2011a; 2011b) e Cairns (2008) que trazem suas contribuições para o assunto contando a história do cristianismo; Autores como o pastor e historiador brasileiro Marcus Paixão (2021a; 2021b, 2021c) que discorre sobre as teorias da origem dos batistas e se posiciona ao lado da perspectiva de McBeth; Como também o conhecido e controverso livro de J.M. Carroll, *O Rasto de Sangue* (2007), que atribui uma origem ancestral para os batistas.

O segundo tópico investiga as causas e consequências do declínio doutrinário histórico confessional dos batistas, se baseando nas acertivas do doutor pelo Westminster Theological Seminary, no estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos, o Reverendo Augustus Nicodemus, que em sua obra *O que estão fazendo com a Igreja : ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro* (2008) expões as problemáticas que tem cercado e afetado a identidade do meio

evangélico; e da contribuição do Historiador Chris Traffanstedt em sua obra *Uma Introdução à História dos Batistas* (2015)

O terceiro tópico busca analisar se esses conhecimentos sobre a história dos batistas têm chegado à membresia teresinense (quantitativo) e como tem chegado (qualitativo). Para isso foi necessário a coleta de dados da parte dos membros das igrejas situadas na capital piauiense - Teresina - e discutidas com as ideias dos autores já citados no tópico dois.

1. OS BATISTAS, A UNIDADE DENOMINACIONAL E A FÉ CONFSSIONAL HISTÓRICA

Unidade e identidade da igreja são temas que têm recebido atenção no meio batista, os batistas prezam pela identidade denominacional, por sua rica historicidade e tradição, e pela sua fé baseada nos moldes bíblicos neotestamentários. Os batistas advogam a autonomia da igreja local, o sacerdócio dos crentes, o trabalho conjunto na mobilização missionária e a educação (EMERSON; MORGAN; STAMPS, 2021). Mas quando falamos de identidade - define-se *identidade como conjunto de características próprias de um grupo ou indivíduo que o diferencia dos demais* (IDENTIDADE, 2022) - é perceptível como ela tem se perdido. Para o Pastor Roberto de Amaral Silva (2003, p. 20) “Há muitas igrejas com rótulo de cristãs que, apesar de afirmarem ser a Bíblia a única regra de fé e prática, aceitam outras fontes de revelação que determinam suas crenças [...] o abandono dos nossos princípios diluem a nossa identidade. E se algum dos princípios se perder, os demais serão afetados.”

Percebe-se a diluição da identidade denominacional pela descaracterização da própria palavra *evangélico* que tem sido utilizada de forma genérica. O Reverendo Nicodemus (2008) em sua obra *O que estão fazendo com a Igreja : ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro*, nos elucida quanto a isso descrevendo como que, com o passar do tempo, fica claro e evidente que os evangélicos têm tido dificuldade para definir o próprio termo que os remete. Como esse não indica mais aqueles protestantes denominacionais - presbiterianos, batistas, metodistas, anglicanos, entre outros - que tinham como característica: a bíblia como infalível palavra de Deus autoritativa; conservadores em seus cultos e em seu padrões morais; e que cultivam uma visão missionária. Mas, hoje, no Brasil o termo tem sido usado, simplesmente para se referir, no âmbito do cristianismo, àqueles que não são católicos romanos como os protestantes históricos, pentecostais, neopentecostais e todas as comunidades e igrejas emergentes dos mais variados tipos.

Emerson, Morgan, e Stamps (2021, p. 29) também apontam o “declínio do denominacionalismo”, ou a descaracterização do que são os evangélicos e seus atributos denominacionais como fator para o enfraquecimento nessa unidade. Os autores ainda citam “[...] os desafios financeiros, a diversidade de entendimentos religiosos culturais, conflitos de personalidades e instituições, assim como as multifacetadas raízes de redes ministeriais” (Ibid, p. 29).

Por sua vez, o Reverendo Augustus Nicodemus (2008) também cita essas múltiplas facetas nos ministérios, colaborando para mudanças vindas de influências externas e para o caos

doutrinário no meio evangélico. Em sua obra *O que estão fazendo com a Igreja : ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro*, o Reverendo afirma:

Os evangélicos se engajaram em diálogos com católicos, liberais neopentecostais e outras linhas sem que os pressupostos doutrinários tivessem sido traçados com clareza... os evangélicos têm dificuldades de delinear os limites do verdadeiro cristianismo (NICODEMUS, 2008, p. 21).

O autor segue seu raciocínio demonstrando a abertura à pluralidade doutrinária, o enfraquecimento à adesão dos pontos fundamentais visando a abrangência da comunhão com outras linhas da cristandade. Esse ecumenismo onde muitas de nossas doutrinas, distintivos e herança têm se diluído em prol dessa aceitação e união religiosa cultural que é confundida com unidade. Nicodemus então cita o abandono dos grandes credos e confissões que moldaram a fé histórica da igreja por meio da interpretação das escrituras e que são séculos de tradição teológica e interpretativa, que ao ser menosprezada os crentes estão vulneráveis a toda sorte de doutrina.

Essas transformações e relações culturais mudaram as prioridades dos evangélicos. Mas os batistas não precisam, e nem deveriam, entregar seus distintivos doutrinários ou imitar, de forma sincrética, as crenças e práticas de outras tradições, ou religiões (EMERSON; MORGAN; STAMPS, 2021). Com o conhecimento de quem foram os batistas, sua tradição e fé confessional, pode-se definir os parâmetros de nossas crenças. Não que essa tradição seja autoritativa no sentido inspiracional divino como advogam os católicos romanos em seu catecismo quanto a sua tradição (A SANTA SÉ). Mas como afirmam os Pastores Paixão e Madureira em seu diálogo: “toda igreja é confessional e quando essa confissão não é externada, pública, é um problema. Pois a membresia fica à mercê das convicções e interpretações de seus pastores ou líderes que mantêm a consistência doutrinária” (CHTB MARCUS PAIXÃO, 2022). E seguem asseverando como essa liderança, não tendo parâmetros dessa confessionalidade pública, que sofre influência de todas as formas de revelações - em sua maioria revelações extra bíblicas - e expressões externas de religiosidade, está sendo a fonte confirmadora da interpretação das escrituras e práticas.

Sendo assim, para Paixão e Madureira as confissões de fé batistas históricas são proveitosas, pois servem para respaldar apologeticamente os pontos principais da fé vinda das escrituras. Confissões essas, elaboradas por homens piedosos e dedicados à verdade bíblica, que resistiram ao teste do tempo e cuidaram da igreja, a preservaram de doutrinas inconsistentes e errôneas que surgiram em seus tempos ou das quais ainda nos aparecem contemporaneamente. E importa conhecer essa tradição confessional histórica e perceber sua relevância (CHTB MARCUS PAIXÃO, 2022).

1.2 Origem dos Batistas

Não se pode falar das Confissões de Fé Batistas sem antes atermos à questão histórica do surgimento da denominação. No que diz respeito a isso, o assunto costuma gerar controvérsias, pois temos narrativas diferentes. Embora esse seja um assunto corriqueiro e já tenha um consenso no meio acadêmico norte americano, nas memórias das igrejas locais brasileiras não o é (PAIXÃO, 2021a). No contexto brasileiro contemporâneo, além da escassez desses documentos e materiais de estudo em língua portuguesa, essas informações têm se reproduzido de forma que deixam a desejar tanto na sua velocidade de disseminação, pois poucos as conhecem, quanto na veracidade histórica das informações (PAIXÃO, 2021a).

Segundo Pereira (1979), as perspectivas, ou teorias, são três: a teoria do sucessionismo histórico - que ele chama de teoria JJJ; a do parentesco espiritual com os Anabatistas do Século XVI e a dos Separatistas Ingleses. Essas serão introduzidas juntas de seus principais autores e as principais obras que as apresentam, a fim de que tenhamos um senso, ou percepção, da que pode ser tida como a mais condizente com a verdade.

1.2.1 A Teoria “sucessionista”

A primeira teoria a ser abordada, traz a ideia de um sucessionismo histórico que defende uma linhagem ininterrupta dos batistas ao longo da história. Essa hipótese é a mais difundida no meio batista brasileiro e está sempre presente nos livros que trazem a história dos batistas, pois como afirma Paixão (2021a, p. 19): “Em todo livro de história dos batistas você vai encontrar uma menção à teoria JJJ, [...] porque ela fez muito barulho na história dos batistas.”. Muitos líderes e membros de igrejas batistas têm essa teoria como verdade. O Pastor Silas (2018) em seu artigo *Os Batistas Gerais, Particulares e a origem anabatista*, apresenta a teoria do sucessionismo histórico da seguinte forma:

Ela afirma que os batistas vieram de uma linhagem ininterrupta desde os primórdios do cristianismo (teoria JJJ “João, Jordão, Jerusalém”), defendida por historiadores como: J. R. Graves, G. H. Orchard, S. H. Ford, William M. Nevins, etc. A teoria do sucessionismo tomou força a partir do movimento conhecido como “landmarkismo” (que se iniciou no meio do século XIX entre os batistas com J. R. Graves, tendo seu mais conhecido expoente J. M. Carroll) (SILAS, 2018).

Landmarkismo é o nome dado ao movimento que ocorreu entre igrejas batistas nos Estados Unidos, no século XIX, em que começaram a defender a ideia de exclusivismo e sucessão direta da denominação com João Batista do Novo Testamento (MIDDLETOWN

BIBLE CHURCH). O nome deriva de duas publicações: a primeira é *An Old Landmark Re-set* (1856) (*Um Antigo Marco Histórico Restabelecido*, tradução nossa) de James Pendleton (1811-1891) e a segunda, de James R. Graves (1820-1893) *Old Landmarkism: What Is It?* (1880). O termo é baseado em Provérbios 22:28: Não removas o *antigo marco* (MIDDLETOWN BIBLE CHURCH).

Isto posto, será abordado trechos e afirmações do livro *O Rasto de Sangue* de J. M. Carroll (2007), que é o principal expoente e defensor dessa teoria, além do mais conhecido no Brasil (SILAS, 2018; PAIXÃO, 2021a). Então serão apontados alguns erros e problemas dessa concepção de acordo com críticas de outros historiadores.

1.2.1.1 Carroll e seu rasto de sangue

A narrativa de Carroll é desenvolvida traçando o que para o autor seria a história dos batistas desde o primeiro século até seus dias. Começaremos pelo nome *Batista*. O autor inicia caracterizando a igreja verdadeira atribuindo os traços que ela tem e então traz a origem desse termo. Em sua obra ele afirma:

Nem Cristo nem os Seus apóstolos deram em qualquer tempo aos seus seguidores designações denominacionais como “Católico”, “Luterano”, “Presbiteriano”, “Episcopal”, etc. (A não ser o nome dado por Cristo a João, que passou a ser chamado “O Batista”, João Batista[...]). Cristo chamou “discípulo” ao indivíduo que O seguia. Dois ou mais seguidores eram chamados “discípulos”. A assembléia de discípulos, quer em Jerusalém ou Antioquia ou outra qualquer parte era chamada “Igreja” (CARROLL, 2007, p. 23).

Ele usa como base o texto bíblico de Mateus 11:11, em que Jesus se refere a João como *Batista*, fazendo assim uma conexão da nomenclatura em questão e da origem da denominação com o personagem bíblico. Entretanto, o entrave dessa ideia e de toda essa teoria é que não há comprovação documental, não há documentação que valide o mínimo proposto por Carroll (PAIXÃO, 2021b).

Por sua vez, o historiador Leon McBeth (1979) afirma: “Muitas pessoas assumem que os batistas receberam seu nome de João Batista. Este não é o caso. Como a maioria dos grupos religiosos, os batistas foram nomeados por seus oponentes”. McBeth ainda afirma que o nome foi pela primeira vez utilizado fazendo referência a crentes ingleses em 1644 que começaram a praticar batismo por imersão.

No Capítulo 1 *O Rasto de Sangue*, trata dos primeiros 500 anos da era cristã, a narrativa parte dos apóstolos e discípulos diretos de Cristo e vai caminhando pelas gerações subsequentes de cristãos onde ele cita os primeiros desvios, dos quais ele enfatiza três: 1) Mudança quanto à concepção da função do bispo ou pastor e do governo da Igreja. 2) Mudança quanto aos ensinamentos

do Novo Testamento, com relação à regeneração, pela idéia da “regeneração batismal”; e 3) Mudança no tocante à administração do batismo às crianças, em vez de somente aos crentes. E ainda traz os principais mártires que sofreram perseguições vinda dos grupos que se corromperam e desviaram da fé inicial dada pelos apóstolos.

Todos esses fatos aconteceram. Historiadores apresentam esses relatos, como Justo L González em sua *História Ilustrada do Cristianismo - a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados* (2011b), que traz o relato dessa perseguição e a morte de muitos dos mártires dos primeiros quatro séculos. Porém Carroll traz esses cristãos da era patrística e dos tempos de Constantino como batistas: “Deve ser claramente lembrado que, quando Constantino fez a convocação para o citado Concílio houve muitos cristãos (batistas) que deixaram de responder à mesma. Eles não aprovaram o casamento da religião com o estado [...]” (CARROLL, 2007, p. 39). Mas não há provas documentais que defendam que esses homens eram batistas (PAIXÃO, 2021b). Por esses erros históricos que essa teoria “hoje em dia é mais rejeitada do que aceita no mundo acadêmico.” (SILAS, 2018)

Traçando seu *Rastro de Sangue* Carroll também traz a ideia que apenas as igrejas perseguidas são igrejas verdadeiras. Carroll exemplifica apontando movimentos dos primeiros séculos que sofreram perseguição tais como: Donatistas, Montanistas, Paulicianos, entre outros e os chama de batistas pois estão em meio a esse *rastro de sangue* de igrejas perseguidas.

Em contrapartida, o memorável historiador da Convenção Batista Brasileira J. Reis Pereira (1979) afirma: “[...] os movimentos denominados Montanismo, Novacionismo e Donatismo, [...] que muitas vezes são até apresentados como os Batistas da idade primitiva. Há grave engano, entretanto, nisso[...]” (p. 33). Pereira tenta fazer uma conciliação entre as três teorias existentes, mas apresenta essa abordagem de chamar esses cristãos primitivos de batistas como um erro por terem sido movimentos provenientes de cismas considerados heréticos pela igreja primitiva. Além do mais, percebe-se como anacronismo atribuir o nome *batista* a todos esses movimentos do primeiro século, já que, de acordo com McBeth (1979), Pereira (1979), Baker (2019), Paixão (2010), entre outros, o termo só veio a surgir no século XVII.

Carroll segue traçando seu rastro de mártires por todos os primeiros 12 séculos da história do cristianismo nos capítulos I e II de seu livro. Quando chega aos meados da reforma protestante nos séculos XVI e XVII. Das Páginas 65 à 68 ele descreve as resistências em meio a reforma e coloca os Anabatistas como parte dessa linhagem ininterrupta dos Batistas corroborando com a teoria do parentesco entre os dois movimentos, dando a idéia de que os batistas passam ao lado da reforma protestante sem estarem envolvidos com ela.

Entretanto, o professor já aposentado de história da igreja, Leon McBeth (1979), do *Southwestern Baptist Theological Seminary, Fort Worth, Texas*, contraria a ideia de sucessão afirmando:

Alguns enfatizaram tanto o senso de continuidade dos tempos bíblicos que acham difícil encarar os fatos históricos sobre as origens batistas. Alguns até construíram esquemas elaborados, ou “Trilhas de Sangue”, buscando rastrear os batistas através de todos os séculos, desde Cristo até o presente. Essas teorias são baseadas em suposições, dados históricos não confiáveis ou inexistentes, ou interpretações errôneas da promessa de Jesus de que as portas da morte nunca deveriam prevalecer contra sua igreja. Um batista hoje pode ter um senso real de identificação com os ensinamentos de Cristo sem tentar provar a sucessão histórica (tradução nossa).

Por sua vez, o Pastor e Mestre Marcus Paixão (2021b), que estuda há quase vinte anos a história e teologia dos batistas também afirma que o problema que envolve a ideia de *O rasto de sangue* é a falta de historicidade da obra e que o livro está “escorado no desejo do autor, que escreveu de maneira romântica e apaixonada” (Ibid, p. 26), que priorizou o sentimento de um falso ancestracionalismo em detrimento da verdade histórica, tendo “um vigoroso romantismo por trás das ideias propagadas por J. M. Carroll” (Ibid, p. 26)

1.2.2 A Teoria do Parentesco Anabatista

Essa ideia advoga que a origem dos Batistas procede dos Anabatistas da Idade Média, que vinham de vários outros grupos da Suíça, Alemanha e Holanda. A proposta teve origem no século XVIII com Thomas Crosby, que é considerado o primeiro historiador batista. Entre os principais defensores temos: Michael Yarnel III; David Benedict - que publicou *A General History of the Baptist Denomination in America and Other Parts of the World* (1848); Richard B. Cook - com sua obra *The Story of the Baptist in All Ages and Countries* (1884); e L. Paige Patterson (SILAS, 2018; MACHADO, 1994; PEREIRA, 1979). Essa ideia tem seu teor histórico, mas antes de fazer as considerações serão dedicados alguns parágrafos para explicar quem são os Anabatistas.

1.2.2.1 Os anabatistas

Com o início da reforma protestante surgiram diversos outros grupos cristãos, que não se alinhavam nem com Lutero, nem com Zuínglio (PEREIRA, 1979). Justo L. González (2011a, p.58) traz esse relato em sua *História Ilustrada do Cristianismo*: “Segundo essas pessoas, Zuínglio e Lutero esqueciam que no Novo Testamento havia um contraste marcante entre a igreja e a sociedade que a rodeia”. Todos esses grupos tinham algo em comum: a ideia de um *rebatismo* para aquelas pessoas que desejassem entrar em suas igrejas - ou credobatismo,

passando a serem chamados de *anabatistas* por *rebatizarem* seus membros (PEREIRA, 1979). O advento dessas ideias levou ao surgimento massivo de distintos grupos que aderiram ao credobatismo. Devido a esse contexto o termo anabatista foi aplicado de forma pejorativa a todos os movimentos credobatistas de forma indiscriminada, então tornou-se necessário fazer uma distinção entre aqueles movimentos revolucionários e o que pode ser chamado de verdadeiros anabatistas (PEREIRA, 1979). No meio anabatista existiam alguns grupos Espiritualistas, que criam em revelações extrabíblicas vindas de forma direta aos homens da parte de Deus, sendo estas superiores à Bíblia. Um outro grupo eram os Racionalistas, que buscavam desmistificar os milagres e relatos bíblicos que escapavam da razão. Havia um terceiro grupo denominado Libertinos, esses por sua vez não davam ouvidos nem aos dogmas romanos nem aos princípios evangélicos (PEREIRA, 1979).

González assevera essa perceptível pluralidade de grupos e ideias no meio anabatista, logo não era um movimento homogêneo, pois essas “opiniões apareceram em diversos lugares no século XVI e, aparentemente, sem que existisse conexão direta entre seus focos [...]” (GONZÁLEZ, 2011a, p. 58).

A história dos anabatistas também é marcada por grandes conflitos, já que “o movimento anabatista logo atraiu grande oposição, tanto por parte dos católicos como dos reformadores. [...] os anabatistas foram perseguidos porque eram considerados subversivos.” (GONZÁLEZ, 2011a, p.59). Essa perseguição se dava principalmente pela separação mais incisiva entre Igreja e Estado trazida pelos Anabatistas. Uma separação sociorreligiosa onde a fé não se dá pelo contexto social em que se está inserido ao nascer. Portanto a igreja é uma comunidade voluntária fora do restante da sociedade, por isso o pedobatismo é rechaçado por eles, já que “esse batismo dá a entender que uma pessoa é cristã simplesmente por ter nascido em uma sociedade supostamente cristã” (Ibid, p. 58). Assim como pelo seu pacifismo extremo que logo “se tornou intolerável aos encarregados de manter a ordem social e política, particularmente numa época de grande incerteza como foi o século XVI.” (Ibid, p. 59). Tamanha foi essa perseguição, que teve como resultado a diluição, por meio do extermínio, dessa primeira geração anabatista, que posteriormente originou a uma nova faceta do movimento: Os Anabatistas Revolucionários.

Esse novo grupo deixou para trás a ideia de pacifismo e agora, sob a liderança de Melquior Hoffman, influenciado por uma rebelião anterior, encabeçada por Tomás Müntzer (GONZÁLEZ, 2011a). Em Estrasburgo, havia tolerância religiosa por parte dos governantes e o anabatismo era relativamente forte. Então “Hoffman logo começou a anunciar que o dia do Senhor estava próximo. Sua pregação inflamou as multidões, que correram para a cidade, onde,

segundo ele, seria estabelecida a Nova Jerusalém” (Ibid, p. 60). Hoffman então disse que seria preso por meio ano e então viria o fim. Essa primeira parte de sua profecia se cumpriu e ele foi capturado. Enquanto Hoffman estava encarcerado o número de adeptos crescia e sem resposta direta de Hoffman, alguém disse que a Nova Jerusalém seria estabelecida em Münster, não em Estrasburgo, onde se juntaram os visionários e o povo que era levado ao desespero pela perseguição (GONZÁLEZ, 2011a). Então os Anabatistas tomam a cidade. González descreve:

“Rapidamente, o número dos anabatistas em Münster foi tal que conseguiram apoderar-se da cidade. Seus chefes eram um padeiro holandês, João Matthys, e seu principal discípulo, João de Leiden. Uma das primeiras providências foi mandar os católicos para fora da cidade. O bispo, expulso de sua sede, reuniu um exército e sitiou a Nova Jerusalém. [...] o bispo matava a todos os anabatistas que caíssem em suas mãos. Os defensores se exaltavam cada vez mais, à medida que a situação piorava [...]” (GONZÁLEZ, 2011a, p. 61)

A revolução chega ao seu ápice com o cerco aos anabatistas em Münster, onde um grupo cansado dos excessos que se cometiam em toda a situação e impulsionados pela fome e pelo medo “abriram as portas da cidade para o bispo, cujas tropas arrasaram os defensores do reduto apocalíptico. O rei da Nova Jerusalém foi preso [...] com seus principais assessores” (GONZÁLEZ, 2011a, p. 61). Em seguida, foram torturados e executados, enquanto o resto dos seguidores do movimento, mais uma vez, se dissiparam. E “Assim terminou o principal broto do anabatismo revolucionário” (Ibid, p. 61).

Mas o movimento não cessou definitivamente com a queda de Münster. Em meio ao remanescente começou-se a dizer que a dada tragédia seria pelo “fato do anabatismo ter se desviado do pacifismo original, que era parte da verdadeira fé” (GONZÁLEZ, 2011a, p. 61), então novas lideranças foram surgindo trazendo a volta ao pacifismo. O líder mais proeminente foi Menno Simons, um sacerdote católico holandês que se converteu ao anabatismo em 1536 e se uniu a um grupo de Anabatistas liderado por Obbe Philips na Holanda. Menno se destacou de tal forma que o grupo recebeu o nome de *Menonitas* (GONZÁLEZ, 2011a). “Até o dia de hoje, os menonitas são o principal ramo do velho anabatismo do século XVI, e continuam insistindo em seu pacifismo e dedicando-se, frequentemente, ao serviço social” (Ibid, p. 63).

1.2.2.2 Batistas são anabatistas?

Agora, resta averiguar se os batistas vieram de forma orgânica dos anabatistas. O primeiro ponto que pode ser analisado é quanto ao nome. Lembrando que todos que eram contra o pedobatismo da igreja católica e reformada eram pejorativamente chamados de *anabatistas - rebatizadores*, e isso sem distinção alguma (PEREIRA, 1979; GONZÁLEZ, 2011a). Criou-se uma confusão, pois muitos batistas entraram nessa generalização do termo, sendo chamados de anabatistas, por causa do credobatismo (PAIXÃO, 2021e).

No entanto na Confissão de Fé Londrina de 1644 - abreviada como *ICFL*, organizada pelos Batistas Particulares, subscrita em nome das sete igrejas de Londres, temos, em sua apresentação, a seguinte frase: “ A CONFISSÃO DE FÉ daquelas igrejas que são comumente (embora falsamente) chamadas de ANABATISTAS” (In: SPURGEON et al., 2020, p. 35). Como vemos, um dos motivos dos batistas para redigir e declarar publicamente sua confissão é que eles não queriam ser confundidos com os anabatistas, como diz em sua epístola ao leitor da *ICFL*:

“As pobres e desprezadas igrejas de Deus em Londres enviam saudações [...] parecerá estranho para muitos homens - que, assim como nós, se encontram sob essa calúnia e estigma, e que são frequentemente chamados de hereges e semeadores de divisão - que ousemos aparecer publicamente como agora fazemos”. (In: SPURGEON et al., 2020, p. 36)

O texto mostra que os anabatistas já tinham uma má fama - pode-se remeter isso ao incidente de Münster. As demais igrejas reformadas estavam acusando os Batistas de compactuar e serem participantes do infame grupo. Então os Batistas querem, categoricamente, se diferenciar destes por meio do seu documento. O Pastor Marcus Paixão defende essa tese ao dizer: “ Os seus adversários teológicos realmente os chamavam assim, mas os batistas particulares responderam em sua confissão de fé: “nós não somos Anabatistas” e “vocês estão enganados”, disseram eles aos ingleses reformados” (2021e, p. 22).

Por outro lado, os anabatistas posteriores à tragédia de Münster tinham interações frequentes com os batistas. Isso se dá ao examinarmos uma carta escrita pelas igrejas Menonitas (anabatistas) holandesa liderada por Hans de Ries, em 1626, às igrejas batistas londrinas.

A carta começa com uma saudação: “À irmandade de igrejas, batizadas de acordo com a ordenação de Cristo, que professam e ensinam o batismo de Crentes; residentes em Londres, Lincoln, Sarum, Coventry e Tiverton, na Inglaterra.” (RIES, H. D. et al., 1914, In: ISSA, 2018.)

Em seguida a carta fala sobre o assunto a ser tratado, que é a resposta à uma carta anteriormente mandada pelos batistas, propondo uma união com as igrejas Menonitas da Holanda: “Queridos amigos! Por meio de dois de seus irmãos, nós recebemos com grande prazer uma certa carta que vós endereçastes a nós. Ficamos contentes de conceber vosso desejo Cristão e sincera prontidão em consultar e se unir com nossas igrejas e fraternidade aqui na Holanda.” (RIES, H. et al., 1914, In: ISSA, 2018). Porém essa proposta é recusada pelos menonitas:

Nós examinamos atentamente vossa carta a nós, também discutimos a mesma com ambos os vossos irmãos, cuidadosamente examinando as diferenças no ensino entre vós e nós. Nós achamos estas dificuldades apresentadas para a união tão grandes, que a harmonia, ou unidade entre vós e nós, a qual nós, para a honra de Deus tão ardentemente desejamos, mal pode, se é que pode, acontecer.

Há diferenças entre os ensinamentos menonitas e batistas. Essas diferenças faziam uma barreira tamanha entre eles que era impossível manter uma unidade e harmonia com todas essas diferenças. Devido a isso, os próprios menonitas não queriam se vincular aos batistas. A carta especifica essas diferenças, são 4: 1) Que a Ceia do Senhor deveria ser administrada todo Domingo; 2). Que qualquer um, não ordenado pela imposição de mãos por um Bispo, pode administrar os Sacramentos; 3) Que Cristãos podem, através de um juramento, certificar a veracidade de um caso; 4). Que um Cristão pode ocupar o cargo de um magistrado; punir malfeitores não conforme as leis de Moisés, mas do estado. Usar armas carnais, reprimir tumultos e resistir ou derrotar os inimigos do país com armas, ou em guerras organizadas.

Os menonitas analisam todas essas diferenças e ponderam: “tentamos corrigir ou ajustar diferenças existentes entre vós e nós, com os seus mensageiros; mas, para nosso pesar, não conseguimos chegar em um acordo”. (RIES, H. et al., In: ISSA, 2018) A principal diferença que é ressaltada na carta era a utilização de armas por parte dos batistas. Os menonitas tinham receio de serem ligados aos antigos anabatistas de Münster, por isso não podiam concretizar sua aliança com outros grupos credobatistas armamentistas:

Nós tivemos, nestes territórios, um gosto da miséria, tristeza e o fardo causados por alguns que portam o nome de “Doopsgezinde” (ditos de persuasão Anabatista), que espalham tais visões perversas [...] [portanto] nós não poderíamos admiti-lo por mais de uma razão importante (RIES, H. et al., In: ISSA, 2018).

Por sua vez, Pedro Issa, tradutor da carta, retrata como irônico que os próprios menonitas - anabatistas pós Münster - deixem claro que não querem ser confundidos com os antigos revolucionários. Por isso não queriam se unir aos batistas, pois eles ainda remetem aos Anabatistas de Münster por não serem os batistas anti armamentistas. Issa, em seu artigo *Uma carta das igrejas Menonitas às igrejas Batistas londrinas* (2018), comenta:

[...] os Anabatistas Menonitas [recusaram] união com os Batistas, entre outros motivos, por considerá-los excessivamente “anabatistas”, no sentido Münsterita do termo. Por outro lado, os Menonitas, que descendiam de fato dos anabatistas, aproveitam a aproximação dos Batistas para mostrar que se mantêm firmes no propósito de rejeitar o anabatismo violento que tanto escandalizou o continente – e os ingleses. Completa a ironia o fato de que os detratores dos Batistas na Inglaterra, via de regra, os acusavam de serem Anabatistas violentos, seguindo o exemplo dos... Anabatistas holandeses, isto é, dos Menonitas! Dessa forma, esses Batistas foram vistos como radicais, por motivos que concretamente não procedem, tanto por ortodoxos ingleses quanto pelos próprios Menonitas.

Com os exemplos citados - da 1CFL de 1644 e desta carta, ambos os lados, tanto Menonitas quanto os Batistas, definem suas identidades a fim de não serem confundidos uns com os outros. Os batistas, por muitas vezes, foram chamados de anabatistas e o movimento *landmarkista* semeou essa ideia, junto ao sucessionismo, no Brasil, por meio dos missionários pioneiros norte americanos que vieram para cá evangelizar (LIMA, 2018). Mas como foi

demonstrado, os movimentos são distintos. Pedro Issa (2018) corrobora ao concluir seu comentário sobre a carta já citada: “[...] foi assim que, com uma ruptura cordial, com uma despedida fraternal, com uma recusa amigável, os Anabatistas disseram aos Batistas do século XVII aquilo que, desde então, os Batistas vêm tentando dizer aos Reformados: não há comunhão entre nós”.

Então, como tese, os Batistas não têm sua origem de forma orgânica nos Anabatistas, muito menos em uma sucessão ininterrupta desde João Batista, mas sim dos separatistas ingleses em meio às revoluções puritanas, como expõe González (2011a) e advogam Paixão (2021a; 2021b; 2021d) e Leon McBeth (1979), junto a tantos outros pastores e acadêmicos.

1.2.3 A Revolução Puritana e os Separatistas Ingleses

Essa ideia começou a ser propagada no século XX, sendo a mais nova em comparação com as anteriormente citadas, porém é a mais aceita no meio acadêmico e é a que mais tem mais respaldo histórico documental (SILAS, 2018; PAIXÃO, 2021a). Chris Traffanstedt (2015) afirma: “a “denominação Batista”, como conhecida hoje, surgiu por meio do movimento Separatista Inglês. A melhor evidência histórica confirma essa origem, e nenhum estudioso renomado contestou isso [...]” (p. 6).

Em 1534, o Parlamento inglês, seguindo as ordens de Henrique VII que havia sido excomungado pelo papa por causa de seu divórcio com Catarina de Aragão, redigiu o ato de supremacia que proibia os pagamentos das anuidades e de qualquer contribuição a Roma. Então desligou a Igreja inglesa de Roma, criando assim a Igreja Anglicana e declarou o rei como chefe supremo da igreja da Inglaterra (GONZÁLEZ, 2011a).

No século XVII surgiram inúmeras oscilações políticas que favoreceram a continuidade e expansão da Reforma Protestante iniciada por Lutero no século anterior. A Igreja Católica Romana viu sua ideia de um estado universal ceder para o novo conceito de nação-estado, em que essas nações-estados se organizaram em bases nacionais, com a centralização do poderio bélico e governamental. Essas se opuseram à descentralização feudal do mundo medieval e ao estado universal católico romano. Assim, muitos dos príncipes ingleses apoiaram a Reforma para controlarem as igrejas de suas nações e não mais se sujeitarem ao Papado Romano (CAIRNS, 2008).

Então, em 1603, quando morreu a rainha Elizabete I, ela deixou a indicação de que Jaime, filho de Maria Stuart, governasse a Inglaterra. Jaime já governava a Escócia e era tido como estrangeiro. Com isso, a burguesia inglesa, que em sua maioria eram comerciantes protestantes, viam a guerra como um problema religioso e econômico e não estavam satisfeitos

com as políticas internas e externas de Jaime I que almejava a unificação da Escócia e Inglaterra. Muitos desses descontentes protestantes resolveram se separar da Igreja Anglicana.

[...] durante todo o reinado de Jaime e de seu filho sucessor, Carlos I, foi aumentando a oposição à coroa por parte daqueles protestantes que pensavam que a Reforma não expandira suficientemente na Inglaterra e que isso se devia em boa medida à política dos reis e seus conselheiros. (GONZÁLEZ, 2011a, p. 277)

Então esses protestantes, que estavam organizados em diferentes grupos, foram chamados de *Puritanos* já que queriam purificar a religião, pois a Igreja Anglicana ainda mantinha muitos dos elementos litúrgicos herdados da Igreja Romana que ostentavam luxo. Eles defendiam uma vida sóbria, comedida, fundamentada nos mandamentos bíblicos e “insistiam na necessidade de regressar à pura religião bíblica” (Ibid, p. 277). Salvo que esses puritanos inicialmente não queriam se separar da igreja anglicana, mas fazer as correções na liturgia existente no culto anglicano. (CAIRNS, 2008)

Em meio a revolução puritana havia alguns grupos que defendiam a necessidade de se separarem da igreja - por isso foram chamados de *separatistas*, pois não queriam esperar que a igreja inglesa corrigisse seus erros. Eles “queriam estabelecer logo o que lhes parecia escriturístico” (CAIRNS, 2008, p. 641). Vários grupos separatistas surgiram e em sua maioria se opunham ao episcopado, pois alegavam “que os bispos, pelo menos como existiam em sua época, eram invenção posterior à Bíblia” (GONZÁLEZ, 2011a, p. 278). Havia o grupo dos que defendiam governos abertos para a igreja; os que defendiam que a igreja deveria ser governada por anciãos ou presbíteros; e outros que defendia a independência congregacionalista. Entre esses congregacionais estavam os que posteriormente viriam a crer no credobatismo e seriam chamados de batistas. González (2011a) ainda destaca que embora “[...] todos esses grupos não concordassem entre si, no geral inspiravam-se em ideias de Calvino, Zuínglio e dos demais reformadores suíços” (Ibid, p. 278).

1.2.3.1 Os batistas gerais e os particulares

Esses separatistas eram muito comprometidos com a bíblia. Defendiam “a separação entre Igreja e Estado; doutrina pura, livre de interesses políticos; e reforma geral da Igreja.” (TRAFFANSTEDT, 2015, p. 6). Acreditavam que a igreja era composta pelos remidos e não apenas por membros politizados, na liberdade de culto, por uma liturgia simples e teocêntrica (Ibid).

Segundo Mcbeth (1979), Traffanstedt (2015) e Paixão (2021a) os batistas surgiram como dois movimentos distintos: Os batistas gerais e os particulares. Esse primeiro teve sua primeira igreja fundada por volta de 1609 e seus principais fundadores foram John Smyth e

Thomas Helwys. Ambos faziam parte de grupos separatistas que foram exilados da Inglaterra à Holanda onde havia mais liberdade religiosa. Eles eram chamados de *Gerais* por terem uma soteriologia arminiana, acreditavam que a expiação era ilimitada e que é possível cair da graça e rejeitavam o calvinismo em favor do livre arbítrio (TRAFFANSTEDT, 2015).

Smyth era um ex-clérigo anglicano de personalidade animosa e que não se conformava com as práticas da igreja inglesa. Foi junto de seu grupo, na Holanda, que se converteu ao credobatismo - se opondo ao pedobatismo da Anglicana, e formaram a primeira igreja *Batista*. Um dia, depois de perceber a necessidade de um rebatismo confessional, Smyth, não tendo quem administrasse o seu batismo, batizou a si mesmo por aspensão (TRAFFANSTEDT, 2015). Traffanstedt inda destaca que esses primeiros batistas não praticavam o batismo por imersão, pois “a imersão só se tornaria norma na geração seguinte” (Ibid, p. 7).

Smyth e Helwys, como destaca Traffanstedt (2015), tinham “uma relação difícil” (p. 8). Principalmente por parte de Smyth que era inconstante em suas crenças e mudava de crença com uma certa frequência. Até que, perto de sua morte, Smyth abandonou os princípios batistas e tentou levar parte do grupo para as igrejas Menonitas. Porém essa migração só veio a acontecer de fato depois de sua morte, em que grande parte da membresia da igreja de Smyth saiu e adentrou no anabatismo menonita. Então a igreja batista geral ficou sob os cuidados de Helwys, que liderou seu pequeno grupo de volta à Inglaterra e lá fundou a primeira igreja batista em solo inglês. Por volta de 1624 haviam 5 igrejas dos Batistas Gerais, mas, já em 1650 o número passou para no mínimo 47 igrejas que se tem ciência (TRAFFANSTEDT, 2015; MCBETH, 1979).

Traffanstedt (2015) ainda pondera que, embora alguns vejam nesse grupo os batistas de nossa contemporaneidade, eles estão longe da doutrina “que moldou a fé Batista contemporânea” (p. 8). Os Batistas Gerais tiveram um início que parecia promissor, mas por volta do ano de 1700 este grupo sofria com graves problemas doutrinários que resultaria no seu desaparecimento, mesmo com um esforço para a revitalização do movimento por parte de Dan Taylor, cristão Metodista, a eleição de maus líderes entre os Batistas Gerais não permitiu que tal tentativa gerasse um resultado positivo duradouro e então “Levou apenas mais uma geração para que os Batistas Gerais fossem esquecidos da história” (Ibid, p.13).

Os Batistas particulares também vieram dos separatistas ingleses, porém eles e os batistas gerais não são um mesmo grupo que posteriormente se dividiram, mas são distintos e independentes entre si e que cresceram separadamente (TRAFFANSTEDT, 2015). Segundo Leon McBeth (1979) Os Batistas Particulares surgiram uma geração depois dos Gerais, por volta de 1630. Eles eram muito influenciados pelo reformador John Calvin que defendia a ideia

de expiação *particular* limitada. A primeira Igreja surgiu, segundo Traffanstedt (2015), por volta de 1633. Sua membresia era composta de novos convertidos e de membros de uma outra igreja independente liderada por Henry Jacob que se converteram ao batismo confessional. Esses batistas cresceram e em 1650 já havia várias igrejas particulares nos arredores de Londres (MCBETH, 1979).

Segundo Traffanstedt (2015) e McBeth (1979), foram esses batistas que posteriormente escreveram, em nome das sete igrejas batistas de Londres, a confissão de fé de 1644 chamada de Primeira Confissão de Fé Londrina. Confissão essa que precedeu a Confissão de Fé de Westminster em 1689- também conhecida como Segunda Confissão de Fé de Londres. Sem dúvida são desses Batistas Particulares - calvinistas, que os batistas atuais descendem. Como defende o já tão citado historiador Chris Traffanstedt (2015) : “Apesar de a história Batista tipicamente apresentada seja atribuída mais ao movimento Batista Geral, de fato, são aos Batistas Particulares a quem os Batistas de hoje devem sua doutrina.” (p. 8).

Os Batistas Gerais, como foi demonstrado, teve um bom crescimento inicial na Inglaterra, porém o movimento, com muitos problemas em suas doutrinas em que “A deidade de Cristo começou a ser questionada e sua doutrina da expiação mergulhava cada vez mais em sua posição Arminiana” (TRAFFANSTEDT, 2015, p.13), se dissipou ainda na Inglaterra.

Já os Batistas Particulares prosperaram. Foram esses batistas que se converteram do pedobatismo para o credobatismo por imersão e o tornaram normativo na denominação (PAIXÃO, 2021). No século XVII houve grande crescimento entre eles mesmo em meio a intensa perseguição religiosa na Inglaterra. Em 1644, elaboraram a, já aqui citada, Primeira Confissão de Fé Batista. “Essa Confissão era Calvinista e rejeitava todas as insinuações de que eles eram “Anabatistas”” (TRAFFANSTEDT, 2015, p. 13). Esse foi um documento de grande importância que ajudou a reunir todos os Batistas Particulares (Ibid).

1.2.3.2 Os batistas na América

Posteriormente, junto aos pioneiros, os batistas particulares foram para a América - a então Nova Inglaterra, fundaram e desenvolveram a ainda colônia inglesa e foram de grande importância para a sua independência; formação política democrática e constitucional e fundaram a Convenção Batista do Sul e a Junta Richmond (PEREIRA, 1979; 1982; MACHADO, 1994).

Segundo Traffanstedt (2015) A primeira Igreja Batista na América foi uma igreja na província de Providence, fundada por Roger Williams no ano de 1639. Foi fundada na doutrina Batista Particular, posteriormente assumiu a posição dos Batistas Gerais.

Entretanto, essa igreja retornou à fé dos Batistas Particulares nos anos de 1700 sob a liderança de James Manning. Outras igrejas surgiram naquela época em Newport, Rhode Island, outra em Boston, e então nas colônias do Sul. Todas essas igrejas foram fundadas nas crenças dos Batistas Particulares, embora houvesse adeptos dos Batistas Gerais entre seus membros. Apesar do crescimento dos Batistas nos anos de 1600 na América, foi durante os anos de 1700 que elas começaram a ganhar voz. Em 1700, havia apenas 24 igrejas Batistas com 839 membros ao todo, mas em 1790 já havia 979 igrejas e 67.490 membros (TRAFFANSTEDT, 2015, p. 14).

Em 1707 foi fundada a Convenção Batista da Filadélfia. “Essa forte convenção Batista Particular impactou profundamente os Batistas na América. Em 1742 essa associação adotou a Confissão de Fé Londrina de 1689 e deu-lhe um novo nome: Confissão de Fé de Filadélfia.” (Ibid, p. 14). Posteriormente fundaram um colégio e enviaram vários missionários a diversas partes de toda a América. O trabalho prosperou, mas mesmo com a forte doutrina histórica, os Batistas Particulares também começaram a se perder em sua doutrina

1.2.3.3 A chegada dos batistas no Brasil

Segundo o já falecido historiador da CBB Reis Pereira (1982) os batistas vieram dos Estados Unidos da América para o Brasil por meio de colonos e missionários no século XIX. Esses colonos vieram ao Brasil em 1865. Então construíram uma igreja em Santa Bárbara do Oeste, porém essa não foi construída com ideais missionários, mas com o objetivo de esses colonos terem um lugar próprio para realizar seus cultos. A primeira igreja batista brasileira foi estabelecida posteriormente por dois casais de missionários da Junta de Richmond William e Anne Bagby e Zachary e Kate Taylor na cidade de Salvador na Bahia. A igreja foi organizada em 15 de outubro de 1882. Pereira (1982) ainda afirma: “A igreja adotou a Confissão de Fé de New Hampshire, posteriormente adotada pela Convenção Batista Brasileira com o nome de “Declaração de Fé das Igrejas Batistas do Brasil”.” (Ibid, p. 22).

Essa Confissão de Fé de New Hampshire é descrita por Marcus Paixão (2021e) como “um documento dos batistas calvinistas [...]” (p. 86). Ela foi redigida pelo Rev. John Newton Brown no estado de New Hampshire, por volta de 1833 (NETO). Ela era idêntica à Confissão de Fé da Filadélfia de 1742, apenas com um nome diferente e influenciou várias outras confissões utilizadas posteriormente pelos batistas (PAIXÃO, 2021e).

A Declaração de Fé das Igreja Batista do Brasil ficou em vigor entre as igrejas batistas por 70 anos, de 1916 quando foi adotada, até 1986 quando surgiu a atual Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira (SILVA, 2003).

1.2.3.4 Os batistas no Piauí

Os Batistas tiveram seu primeiro contato com o solo piauiense no dia 17 de julho de 1901, quando o pastor Ernesto Jackson atendeu ao convite de Benjamin José Nogueira, que por sua vez teve contato com Zachary Taylor, para visitar a sua fazenda e pregar na vila de corrente. Posteriormente uma sede da junta de Richmond foi estabelecida em 1920 (BRITO, 2004; PAIXÃO, 2010).

No ano de 1909, já no norte do Piauí, o missionário Eurico Nelson visitava a cidade de Amarante, onde a sua pregação do Evangelho tocava o coração do jovem Teófilo Dantas, que passou a se empenhar no conhecimento da palavra. Um pouco mais tarde, em 1912, após ler sobre um casal de missionários que seria enviado a Teresina pela junta de Richmond, o Jovem Teófilo se muda para a capital com a finalidade de auxiliá-los. Ao chegar em Teresina, devido a ausência de um trabalho Batista, passou a frequentar a congregação Presbiteriana, onde ao compartilhar as doutrinas defendidas pelos Batistas com algumas famílias, encontrou cooperação por uma delas, iniciando assim o primeiro trabalho Batista em Teresina, na residência do próprio Teófilo, no bairro chamado Barroco (BRITO, 2004).

2. O DECLÍNIO DA CONFSSIONALIDADE E DOS BATISTAS PARTICULARES

A ascensão dos batistas confessionais reformados se deu pelo seu grande caráter missionário. Batistas de soteriologia calvinista que cresceram e evangelizaram o mundo. O pastor brasileiro e historiador Marcus Paixão em sua obra *Os Batistas do Brasil: Uma tradição confessional e calvinista* (2021e) confirma essa ideia ao dizer que “os batistas reformados são caracterizados pela prática da evangelização”.

Por sua vez o Pastor Roberto do Amaral Silva na obra *Princípios e Doutrinas Batistas* (2003), um documento oficial da CBB, ele afirma:

[...] o movimento missionário da era moderna surgiu exatamente entre os batistas calvinistas, liderado por Willian Carey com sua mensagem: “Espera grandes coisas de Deus, fazei grandes coisas para Deus” [...] Aliás, faça-se justiça, o calvinismo não é sinônimo de falta de evangelização e missões. Spurgeon, expoente batista calvinista, pastoreou sua famosa igreja em Londres que “chegou a ter 6000 membros, além de 14.592 convertidos em seu ministério que ingressaram em outras igrejas”. Sua ênfase principal sempre foi a evangelização e as missões”

Então esse movimento inspirou homens e mulheres a espalharem o evangelho desde a Inglaterra que cresceu tanto no continente europeu como também na América do Norte e no Brasil; e sobrevive até os dias atuais.

Mas em meio a essa ascensão, como os batistas reformados ou particulares começaram a perder a pureza doutrinária?

Chris Traffanstedt (2015) citando Samuel E. Waldron, em seu livro *Baptist Roots in America* (1991), dá seis motivos para o declínio dos batistas particulares e a doutrina reformada.

O primeiro é o Caráter Democrático Americano, “[...]o pensamento Americano de liberdade absoluta que veio com a Guerra de Independência dos Estados Unidos. Os Americanos tinham uma forte mentalidade de independência e essa cosmovisão começou a se propagar dentro da Igreja.” (Ibid, p. 15). Sempre que a liberdade humana é colocada acima da vontade e soberania de Deus há o abandono das doutrinas da graça e “a soberania de Deus é colocada na prateleira [...] em favor de um Deus que não impedirá nossa liberdade.” (Ibid, p. 15)

O segundo ponto citado é o *Reavivalismo*, que era o movimento que prezava por experiência religiosas estéticas, das sensações, “o se entregar totalmente aos ardis do coração em busca de “experiências” [com Deus]” (Ibid, p. 15). Isso levou o povo a uma postura anti tradicional para com suas igrejas e escancarou as portas para o liberalismo teológico e o arminianismo.

Esse novo “método” da igreja foi muito apelativo a muitos Batistas que viram nele sua sobrevivência; mas em vez de sobrevivência, isso produziu um vírus dentro da igreja que atacou o âmago da herança reformada Batista. (TRAFFANSTEDT, 2015, p. 15)

A terceira causa é o Sincretismo religioso, que mistura pensamentos e práticas de diferentes religiões. Posturas doutrinárias muitas vezes antagônicas que são tidas como iguais. Essa ideia “foi vista por alguns como necessária para que o Evangelho prosseguisse sem impedimentos” (Ibid, p. 15). Porém isso levou à diluição dos princípios e à decadência teológica que a herança Batista preservava, transformando-a em uma “fraca e débil versão de suas raízes Calvinistas.” (Ibid, p. 15)

O quarto ponto citado pelo autor é: “quando há tentativa de acalmar algum radicalismo teológico, surge, então, um movimento para o extremo oposto. Essa oscilação foi o “hiper-calvinismo”.” (Ibid, p.15). O autor ressalta que o que é chamado de *hiper calvinismo* é rejeitado pelos reformados e calvinista tradicionais por ser uma distorção extremista do ensinamento reformado. “Hiper-calvinismo é a negação da ideia de que o chamado do evangelho é também para os que não foram eleitos [...] é a rejeição da ideia de que a fé é o dever de todos que ouvem o Evangelho” (WALDRON, 1991, p. 22, apud, TRAFFANSTEDT, 2015, p. 15). O extremismo

doutrinário devastou os batistas particulares sendo que onde Igrejas “Batistas Particulares se tornaram “hiper-calvinistas”, seu falecimento foi decretado.” (TRAFFANSTEDT, 2015, p.15)

A quinta causa é o advento do Liberalismo Teológico, que enfatiza “o individualismo acima de tudo, a soberania de Deus e a verdade absoluta da Escritura começaram a esmigalhar-se na igreja.” (Ibid, p. 15). As crenças mais ortodoxas foram se desvanecendo, dando lugar ao pensamento liberal.

O sexto e último ponto, O fundamentalismo que se opunha a Reforma alegando que os preceitos nela reivindicados não eram importantes, “pois acreditavam que a doutrina levava as pessoas a contentarem-se apenas com o conhecimento” (TRAFFANDSTEDT, 2015, p. 16). Seu extremo levou ao legalismo - salvação pela obediência, à uma prática de proibições sem conscientização.

Os Fundamentalistas não eram favoráveis aos credos e enfatizavam muito mais as emoções que as doutrinas. Isso levou à ignorância acerca do conhecimento bíblico e doutrinário e inaugurou uma salvação “fácil”. Essa “nova” corrente enfatizava uma fé centrada no homem ao invés daquela centrada em Deus. Assim como qualquer outra fé centrada no homem, as doutrinas se perderam. E quando a doutrina se foi, foi-se com ela nossa herança Batista.

Por sua vez o Reverendo Nicodemus (2008, p. 22) cita o abandono gradativo dos “grandes credos e confissões do passado que moldaram a fé histórica da igreja”, como causa da diluição da identidade doutrinária reformada. Isso levou ao abandono dos pressupostos reivindicados na reforma e a teologia das igrejas evangélicas sofreram uma mudança drástica de “agostiniana e reformada” (Ibid, p. 22) para tendências predominantemente arminianas. Isso acarretou na infiltração de várias outros pensamentos teológicos tais como a teologia relacional, que nega a onipresença, onipotência e onisciência de Deus, que é “filhote do arminianismo” (Ibid, p. 22); a tomada da espiritualidade por pensamentos místicos que valorizam a experiência e a emotividade, “fruto do reavivalismo pelagiano [...]” (Ibid, p. 22); o abandono das doutrinas em favor de práticas pragmáticas e do antropocentrismo do culto que traz o sentido da fé para a importância do homem, sendo o homem o centro da experiência religiosa, que é “produto da orientação teológica arminiana” (Ibid, p. 22); e a “perda da cosmovisão reformada”, esta traz uma abrangência da soberania de Deus em todos os aspectos culturais, sociais e científicos. Ao negar isso, o *evangelicalismo*, como chama o autor, perdeu a cosmovisão cristã e não sabe mais se definir nas relações seculares e religiosas e escancarou as portas para o liberalismo teológico.

3. OS BATISTAS EM TERESINA E O CENÁRIO ATUAL DO SEU CONHECIMENTO SOBRE A HISTÓRIA DA DENOMINAÇÃO

Como demonstrado, é possível traçar uma sucessão dos batistas do século XVII até nossos dias, sua trajetória histórico doutrinária e algumas das mudanças que envolveram esse trajeto. Agora serão apresentados os dados coletados por meio de formulário online, a fim de verificar a temática proposta deste tópico, assim como as confissões e declarações redigidas pelos batistas.

O Formulário foi preenchido apenas por membros e congregados de igrejas batistas teresinenses. Contendo um total de 12 questões subjetivas e objetivas, o formulário foi respondido por 78 pessoas - de ambos os sexos, de 33 Igrejas e Congregações Batistas (três respostas não identificaram corretamente sua igreja ou congregação), em diversas faixas etárias de idade (entre 6 a 62 anos). Os dados foram coletados no período de 17 a 25 de Maio de 2022.

3.1 Apresentação e Discussão dos Dados

Quando questionados se conhecem a origem dos batistas, 50% (39) responderam que sim e 50% que não. Àqueles que responderam sim foi pedido para descrever a origem dos batistas com suas palavras. 50% (19) das respostas fizeram referência ou afirmaram que vieram dos separatistas ingleses; 10,5% (4) não tomaram seus pontos pessoais, mas apresentaram as três perspectivas: separatistas, anabatistas e sucessionismo; 21,1% (8) afirmaram que vieram dos Anabatistas; 2,6% (1) respondeu fazendo referência a João Batista; 15,8% (6) não souberam responder ou responderam de forma imprecisa.

Quando perguntado com que frequência a origem dos batistas é ensinada na sua igreja ou congregação, 7,7% (6) respondeu sempre; 59% (46) respondeu às vezes; 33,3% (26) respondeu nunca.

Quando indagados se conhecem as confissões de fé dos batistas históricos, 57,7% (45) afirmaram que sim, enquanto que 42,3% (33) responderam que não.

No que diz respeito à relevância da abordagem do assunto em suas igrejas e congregações, 96,2% (75) afirmaram que sim. Em contrapartida, 3,8% (3) afirmaram que o assunto não é relevante.

Quando o assunto é conhecer a Declaração de Fé da *Convenção Batista Brasileira* 53,8% (42) responderam que sim, enquanto que 46,2% (36) responderam que não conhecem.

66,7% (52) dos entrevistados consideram suas igrejas fiéis ao modelo tradicional histórico; 15,4% (12) afirmaram que não, enquanto que 17,9% (14) não souberam responder.

59% (46) responderam que as suas respectivas igrejas e congregações são alinhadas com a Confissão de Fé da *Convenção Batista Brasileira*; 37,2% (29) não souberam responder, enquanto que 3,8% (3) responderam que não.

Quando questionados sobre o grau de preservação histórico dos Batistas atuais, 48,7% (38) responderam que é moderado; 35,9% (28) responderam que é muito ruim. Já 7,7% (6) responderam que é muito bom, outros 7,7% (6) não souberam responder.

84,6% (66) dos colaboradores da pesquisa responderam ter muito interesse em conhecer mais a história dos Batistas, enquanto outros 15,4% (12) responderam ter pouco interesse no assunto.

Quando perguntado se sabem o porquê do termo *Batista*, 46,2% (36) responderam que não e 53,8% (42) responderam que sim. Na pergunta em questão, em caso de “sim” como resposta, o porquê do termo *Batista* deveria ser explicado nas próprias palavras do colaborador. 46,3% (19) das respostas fizeram menção ao credobatismo ou imersão; 26,8% (11) associaram o termo ao movimento anabatista ou ao batismo de João; 14,6% (6) foram imprecisos em suas respostas; enquanto que 12,2% (5) não trouxeram o contexto histórico, limitando-se apenas a apontar a etimologia da palavra.

Embora metade das respostas afirmam conhecer a origem dos batistas, uma quantidade considerável de respostas faz alguma referência a ideias oriundas da visão landmarkista, essa característica se acentua ainda mais nas descrições do porquê do termo *Batista* com respostas que afirmam categoricamente a relação do nome com João Batista da bíblia ou com os Anabatistas. Não é sem motivos que Marcus Paixão (2021a) afirma que essa teoria “fez muito barulho na história dos batistas” (p. 19). Muitas respostas são vagas, seja descrevendo as origens da denominação ou do termo. Embora um número considerável afirmasse que suas igrejas têm uma identidade no modelo tradicional histórica preservada, não conhecem as confissões históricas nem a declaração doutrinária da CBB. Ou seja, é perceptível a falta de propriedade no conhecimento da história e dos distintivos batistas.

Parte majoritária das respostas afirma que o assunto é relevante e de interesse para suas igrejas, ao mesmo tempo que grande parte afirmou que o assunto é abordado de forma esporádica em suas igrejas ou de forma totalmente ausente.

Nicodemus (2008) aponta a omissão por parte das igrejas reformadas como motivo para a diluição da identidade no meio evangélico. Igrejas que pouco ou nada têm feito para “alertar ou impedir que os evangélicos abandonem sua herança histórica” (p.23). Seus membros estão

em diálogo com os mais diversos tipos de linhas de pensamento teológico, social e filosófico sem o menor cuidado por parte de suas lideranças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com certeza a herança batista tem seu valor histórico e doutrinário. Ter conhecimento da verdadeira história, baseada em evidências documentais históricas, faz grande diferença para o pesquisador acadêmico ou para os curiosos comuns. Estudo esse livre de sentimentos de ancestralismo, enganos que são aquém dos fatos históricos, capaz de traçar uma sucessão ininterrupta, não de João e seu batismo no Jordão, mas dos separatistas e puritanos ingleses.

Conhecer os batistas é conhecer sua herança confessional, reformada e calvinista. Sim, os Batistas são de herança reformada, suas confissões e declarações doutrinárias são ou se baseiam em teologia calvinista, mesmo que possa surgir algum esforço para negar isso. Os dados históricos e literaturas conceituadas apontam isso.

Foi a boa interpretação das escrituras, típica do período da reforma protestante, que auxiliou a denominação a guardar sua fé em meio às mais diversas influências que surgiram no decurso do tempo. O problema doutrinário e a crise de identidade no meio batista só terá solução com o abandono da fé antropocêntrica, liberal e da retomada dessa herança histórica, que é a volta aos moldes bíblicos neotestamentários. A confessionalidade protege a igreja de heresias e falsos profetas. Esse é um conhecimento inalienável, mas que infelizmente é minoritário no meio batista teresinense.

A fé reformada pode fazer diferença na igreja local se nos mantermos fiéis às grandes doutrinas bíblicas uma vez dada aos santos. Avivar a igreja por meio da palavra, das escrituras, autoritativa, infalível. Só assim é possível interagir com as diversas linhas e diálogos teológicos: tendo delineado com clareza as linhas do real cristianismo, da própria fé, de forma que o relativismo e o sincretismo sejam excluídos e a fé confessional, alicerçada na sã doutrina, tenha lugar no meio batista.

Referências Bibliográficas

A SANTA SÉ. **Catecismo da Igreja Católica. Parágrafos 50-141.** Disponível em:
<https://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p1s1c2_50-141_po.html>.
Acesso em: 15 de maio. 2022.

BAKER, R. A. **Southern Baptist Beginnings – Baptist History and Heritage Society.**
Disponível em:
<<http://www.baptisthistory.org/baptistorigins/southernbaptistbeginnings.html>>. Acesso em:
16 de maio. 2022.

BRITO, I. S. **História dos batistas no Piauí : 1904-2004 : um século de lutas e vitórias.**
Rio de Janeiro: JUERP, 2004.

CAIRNS, E. E. **O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.** 3ª. ed.
São Paulo: Vida Nova, 2008.

CARROLL, J. M. **O Rasto de Sangue.** Edição Letra Gigante, 2007.

CHTB MARCUS PAIXÃO. **Nossa Herança Batista #28 | Os Batistas e as Confissões de Fé
| Com Pr. Jonas Madureira.** YouTube, 21 fev. 2022. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=2gs2akP8-yg&t=4411s>>. Acesso em: 13 de maio. 2022.

DENAULT, P. **Os Distintivos da Teologia Pactual Batista: Uma Comparação entre o
Federalismo dos Batistas Particulares e dos Pedobatistas do Século XVII.** Tradução:
Rafael Junior Abreu. 1ª. ed. São Paulo: O Estandarte de Cristo, 2018.

EMERSON, M. Y.; MORGAN, C. W.; STAMPS, R. L. **Os Batistas e o resgate da tradição
cristã.** Rio de Janeiro: Pro Nobis, 2021.

FERREIRA, E. S. **Comentários à Declaração Doutrinária da Convenção Batista
Brasileira.** Rio de Janeiro: Tempo de Colheita, 2009.

GONZÁLEZ, J. L. **História Ilustrada do Cristianismo - A Era dos Reformadores até a
Era Inconclusa.** 2ª Revisada ed. São Paulo: Vida Nova, 2011a. v. 2

GONZÁLEZ, J. L. **História Ilustrada do Cristianismo - A Era dos Mártires até a Era dos Sonhos Frustrados**. 2ª Revisada ed. São Paulo: Vida Nova, 2011b. v. 1

ISSA, P. **Uma carta das igrejas Menonitas às igrejas Batistas londrinas**, 2018. Disponível em: <<https://rastroleagua.wordpress.com/2018/05/25/uma-carta-das-igrejas-mennonitas-as-igrejas-batistas-londrinas/>>. Acesso em: 19 maio. 2022.

LIMA, J. **Formação Histórica dos Batistas no Brasil**. 1ª. ed. Barro Preto - BA: JSL, 2018.

MACHADO, J. N. **A Contribuição Batista para a Educação Brasileira**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

MCBETH, L. **Baptist Beginnings – Baptist History and Heritage Society**, 1979.

Disponível em: <<http://www.baptisthistory.org/baptistorigins/baptistbeginnings.html>>.

Acesso em: 16 de maio. 2022.

MIDDLETOWN BIBLE CHURCH. **Landmark Baptists**. Disponível em:

<<http://www.middletownbiblechurch.org/lochurch/landmark.htm>>. Acesso em: 16 de maio. 2022

NETO, F. S. DE A. **Confissão de Fé Batista de New Hampshire, 1833**. Disponível em:

<<http://www.monergismo.com/textos/credos/new.htm>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

NICODEMUS, A. **O que estão fazendo com a Igreja : ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

PAIXÃO, M. **História dos Batistas: Uma História de Campo Maior**. 1ª. ed. Campo Maior - PI: Reino Publicações, 2010.

PAIXÃO, M. **Teorias Batistas - As teorias gerais e grupais que buscam explicar as origens dos batistas**. 1ª. ed. Editora CHTB, 2021a.

PAIXÃO, M. **Succionismo Batista: As Bases do Succionismo Batista e seus Principais Exponentes**. 1ª. ed. Editora CHTB, 2021b.

PAIXÃO, M. **Os Batistas do Brasil: Uma tradição confessional e calvinista**. 1ª. ed. Editora CHTB, 2021c.

PAIXÃO, M. **Batistas ou Anabatistas?: Os Batistas Particulares e sua Relação com os Anabatistas**. 1^a. ed. CHTB, 2021d.

PAIXÃO, M. **Batistas Reformados: Evangelho, Calvinismo e Evangelização**. 1^a. ed. Editora CHTB, 2021e.

PEREIRA, J. R. **Breve História dos Batistas**. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1979.

PEREIRA, J. R. **História dos Batistas no Brasil (1882-1982)**. 1^a. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

RIES, H. D. et al. **Carta às Cinco Igrejas, 1626**. Reproduzido em “Letters 1624, 1625 and 1626 to Six English Baptist Churches”. In: Transactions of the Baptist Historical Society, 4.4 (1914), pp. 228-254. Disponível em:

<https://biblicalstudies.org.uk/articles_tbhs_02.php#vol04>. Tradução de Pedro Issa. In: *Uma carta das igrejas Menonitas às igrejas Batistas londrinhas* (2018), disponível em:

<<https://rastrodeagua.wordpress.com/2018/05/25/uma-carta-das-igrejas-mennonitas-as-igrejas-batistas-londrinhas/>>. Acesso: 19 de maio. 2022.

SILAS, S. **Os Batistas Gerais, Particulares e a origem Anabatista**. 2018. Disponível em: <https://blogdoutrinabatista.weebly.com/blog/os-batistas-gerais-particulares-e-a-origem-anabatista#_ftn3>. Acesso em: 17 maio. 2022.

SILVA, R. DO A. **Princípios e Doutrinas Batista**. Rio de Janeiro: JUERP, 2003.

SPURGEON, C. H. et al. **A Fé Batista: Documentos da Fé Cristã, Bíblica, Histórica, Batista, Reformada e Confessional**. Tradução: William Teixeira. 1^a. ed. São Paulo: O Estandarte de Cristo, 2020.

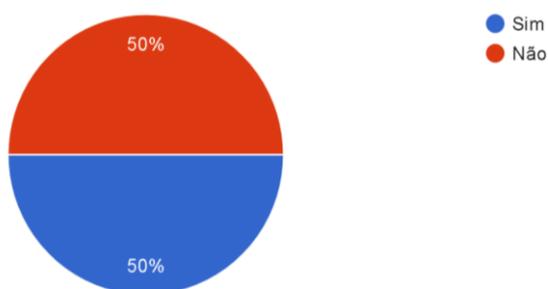
TRAFFANSTEDT, C. **Uma Introdução à História dos Batistas**. Tradução: Rafael Abreu. O Estandarte de Cristo, 2015.

APÊNDICE - QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS MEMBROS DE IGREJAS E CONGREGAÇÕES BATISTAS NA CIDADE DE TERESINA NO ESTADO DO PIAUÍ

Questão 1

Você sabe a origem dos Batistas

78 respostas



Questão 2: Se Respondeu SIM na anterior descreva com suas palavras

“A Igreja Batista surgiu com o movimento Anabatista e é anterior ao movimento da Reforma Protestante.”

“A igreja Batista surgiu com o movimento anabatista, anterior à reforma Protestante.”

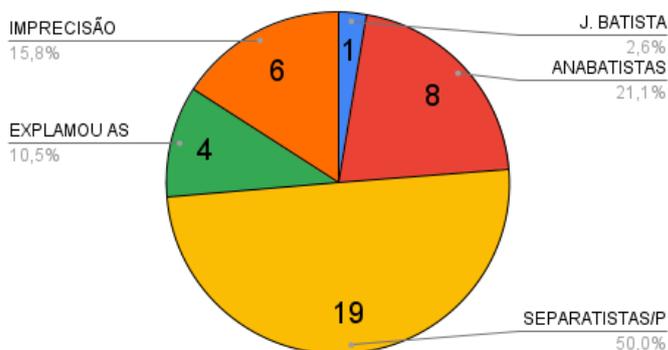
“Tem origens no movimento puritano inglês e nos congregacionalistas que se uniram por convicções na então Holanda.”

“Surgiu por ingleses, pelo movimento Anabatista, no qual não aceitavam o batismo infantil. E, se não me engano, veio antes da reforma protestante.”

“Mediante o que foi repassado desde minha idade de consciência espiritual, os Batista surgiram de um plus da igreja anglicana, conhecidos anteriormente como ANABATISTA [...]”

“Há pelo menos três diferentes vertentes/perspectivas: os que acreditam que os Batistas se originam em João Batista, os que defendem que os Batistas surgiram em meio a um movimento separatista inglês, na época do puritanismo e os que consideram que os Batistas se originam nos Anabatistas.”

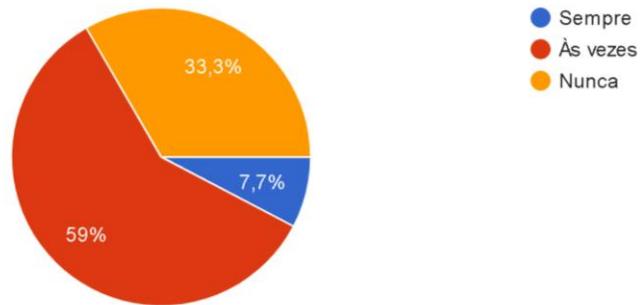
Descreva com suas palavras a origem dos



Questão 3

Com que frequência a origem dos batistas é ensinada na sua igreja ou congregação?

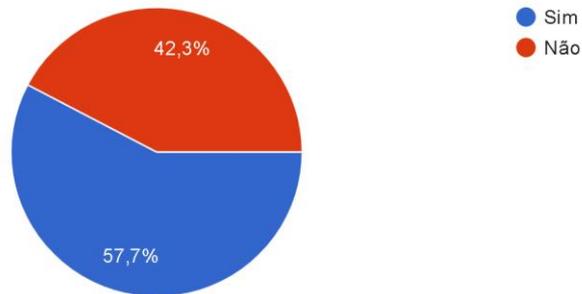
78 respostas



Questão 4

Você conhece as Confissões de Fé dos Batistas históricos?

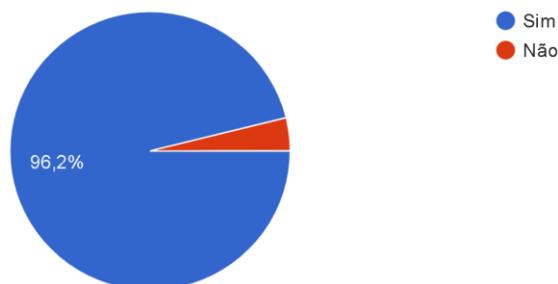
78 respostas



Questão 5

Você considera esse assunto relevante para a sua igreja/congregação?

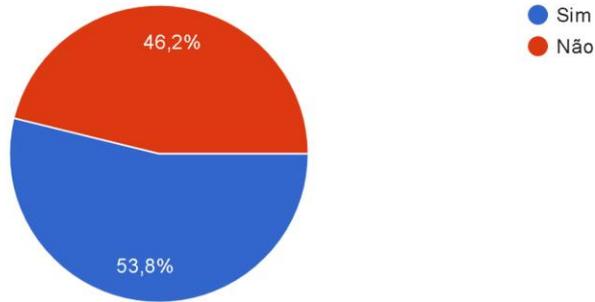
78 respostas



Questão 6

Você conhece a declaração de Fé da CBB (Convenção Batista Brasileira)

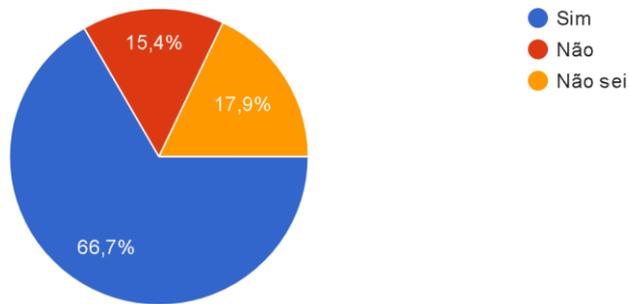
78 respostas



Questão 7

Você considera a sua igreja como um modelo tradicional e histórico?

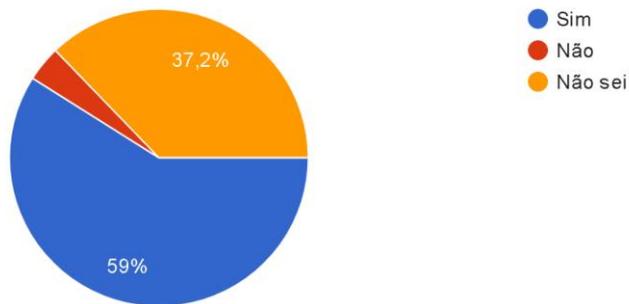
78 respostas



Questão 8

A sua igreja/congregação está alinhada com a Declaração de Fé da CBB?

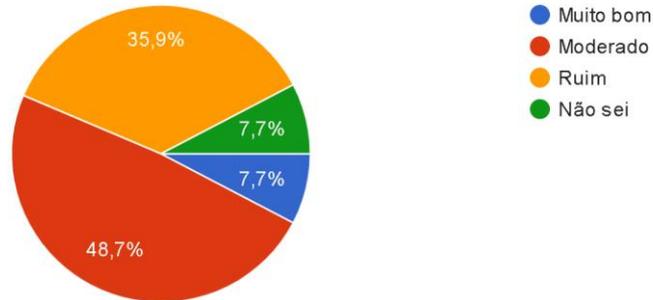
78 respostas



Questão 9

Em sua opinião, qual o grau de preservação de identidade dos batistas atuais?

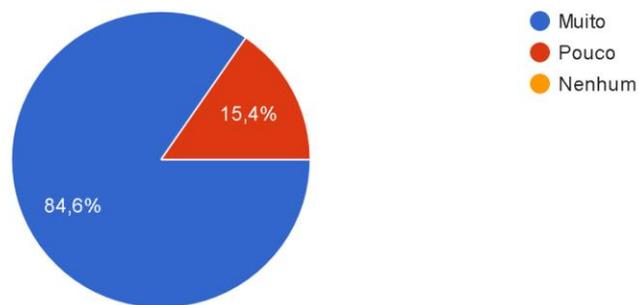
78 respostas



Questão 10

Você tem interesse em conhecer a história dos Batistas?

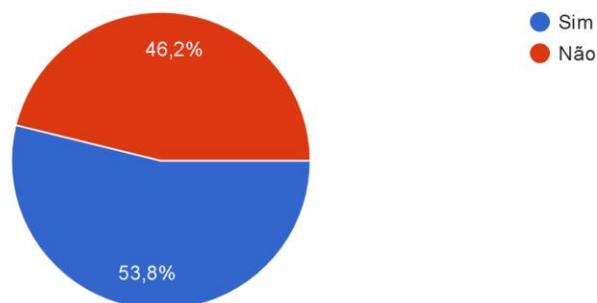
78 respostas



Questão 11

Você sabe o porque do termo batista?

78 respostas



Questão 12: Se Respondeu SIM na anterior descreva com suas palavras

“De João batista, o que batizava no Jordão. Além disso, de subdivisões do antigos anabatistas.”

“Vem de batizar, porque eles batizavam todos que não eram bíblicamente batizados . Mas o seu significado não é exatamente o mesmo que “rebatizar”.”

“É a mesma que descrevia João, o Batismo (batizar, lavar e etc.)”

“O termo "batista" se dá pela ênfase originariamente empregada ao credobatismo em distinção ao pedobatismo (considerado resquício do catolicismo romano) adotado por outras denominações no período da Reforma.”

“Baseada em João Batista, que batizou Jesus. E uma das principais doutrinas nessa denominação é o batismo, emergindo nas águas, de crentes que já aceitaram Jesus e já têm consciência sobre a salvação em Cristo, e a importância do batismo.”

“Eram rebatizadores, por imersão.”

Descreva com suas palavra o porquê do termo

